5-693

No. 783

Ex libris

Doctoris Alberti Lamego

DITHYRAMBO

QUE SE CANTOU A TRES VOZES

NA SESSÃO ACADEMICA,

QUE SE CELEBROU EM APPLAUSO

DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

MARQUEZ DE POMBAL

NO DIA VINTE DE JANEIRO DE 1774

E NOVAMENTE REIMPRESSO EM DEZ DE FEVEREIRO DE 1776.

EM LISBOA

COMPOSTO POR

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA,

Chamado na Arcadia Luſitana Elpino Nonacrienſe,

E POR

THEOTONIO GOMES DE CARVALHO,

Chamado Thyrſe Mentéo.

Os Verſos do primeiro são os notados com o Aſteriſco.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

L 2721

2/5132

Seu per audaces nova dithyrambos
Verba devolvit, numerisque fertur
Lege solutis.

HORAT. Lib. 4. Od. 1.

DITHYRAMBO

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Tenor. * EM cem negros cavallos procelosos
* Por entre as groſſas nuvens galopando
* Do Auſtral Pólo gelado
* O fero Noto ſai bramindo irado,
* E barbaro ſenhor do campo Etherio
* Com diſpotico Imperio
* Ora inchando as bochechas,
* De creſpa, fria, reluzente neve
* Borrifa os altos montes,
* Os rios prende, prende as claras fontes;
* Ora arroja inſoffrido
* Sobre a timida terra
* Agudas ſettas de gelada chuva,
* E em denſa ſombra, negro nevoeiro,
* Do Ceo cerrando o rubido luzeiro,
* A noite faz deſcer mais apreſſada
* Na carroça de trévas carregada;
* Mas em vão esbraveja, corre, e freme,
* Se contra a ſua furia
* Baſſareu Porta-fogo nos defende
* Com a lança fatal, que o Mundo rende.

* Se a noite embrulhada
* Das ſombras no manto
* Nos cobre de eſpanto,
* Nos enche de horror:

 * Ac-

3|3132.

* Accendão-ſe fachas,
* E contra o Inverno
* Do Luzo Falerno,
* Nas taças fulmine
* O vivo fulgor.

2 *Ten.* Fulmine, ſim, fulmine o Ebri-feſtante
Padre Leneu o ſeu fulgor brilhante.
Eia pois, aqui temos o eſpumoſo
Almo licor da parra, que virente
Enrama o grão Tridente
Do Téjo caudaloſo:
Almo licor, que o Inverno enregelado
Torna ledo, e roſado;
Que affugenta as mortaes melancolias,
E em teu regaço, ó freſca Oeyras, crias.

A coruſcante
Dextra de Jove,
Que os raios move
A fragil terra
Com dura guerra
Dardeje, troveje,
Fulmine, arruine,
Que armado, e cercado
De Bacco potente,
A máquina ingente,
Impavido, immovel
Verei eſtalar.

1 *Ten.* * Lança pois, ó Thyrſe ditoſo, (1)
* Deſſe almo licor ſaboroſo (2)
* Neſte cópo brilhante, e dourado (3)
* Dos Heroes ás ſaudes dicado.
2 *Ten.* Aqui tens a ſuave ambrozía,
Que deſperta, que inſpira alegria,
Que ferve, que cheira, que eſpuma,
Que as aras de Baco perfuma.
1 *Ten.* * Agora, que brilha croada
* Do licor rubro a nitida taça,
* Pela terra me lanço, e derrubo,
* E reſpeitoſo á boca a ſubo (4)
* Em honra, e louvor
* Do Grande Carvalho;
* Do Famoſo Carvalho, que alçando
* As Eſtrellas a Fronte ſublime,
* Com a ſombra benigna, que eſtende,

 * Am-

---

(1) *Eſte Verſo he chamado Enneaſyllabo, ou de nove ſyllabas, e pertence á primeira claſſe delles, que devem levar os accentos na terceira, quinta, e oitava, como ſe póde obſervar nos Authores, que o introduziram, e lhe derão a regra.*

(2) *Outra eſpecie de Verſo de nove ſyllabas, que deve levar os accentos na ſegunda, quinta, e oitava, como ſe póde obſervar no ſeguinte Verſo, que he de Joſé Caetano Salvadori, ou de Loreto Mattei.*

Di perle, di tremulo gelo.

(3) *Verſo Decaſyllabo, os quaes tem ſeus accentos ou na terceira, ſexta, e nona; ou na quarta, ſetima, e nona, de que ha muitos exemplos em Reddi, e no Aldeano, ou ſeja Nicoláo Villani. Eſte Verſo não he novo em Portugal.*

(4) *Outro Verſo de nove ſyllabas com os accentos na quarta, e oitava, de que he Author Gabriel Chiabrera na ſua Canzoneta.*

A duro ſtral di ria ventura,
Miſero me! ſon poſto ſegno,
E l'empio duol, ch'io ne ſoſtegno
Miſero me! non ha miſura,

4|8132

* Ampara, protege, defende
* Os ditoſos Paſtores do Luſo.

* Em honra, e louvor
* Do Grande Carvalho
* O cheiroſo orvalho,
* Que das cepas mana,
* Que produz ufana
* A viçoſa Oeyras,
* Neſte cópo empino.

Coro. * Viva o Grande Carvalho, viva, viva.

2 *Ten.* Baſta, baſta, callai-vos, ouvi-me.

Eſta de Vinho
Taça primeira,
Que á boca encaminho,
Á verdadeira
Conſtante amizade
Conſagro devoto:
Aceita, ó Bom Carvalho, o puro voto.
No cume das grandezas,
Onde te elevão ſólidas virtudes,
Não foges, não deſprezas,
Inda que humildes corações, que te amão:
Do Fauſto a luz brilhante,
Cujo falſo explendor a tantos céga,
Não muda teu ſemblante:
Quanto no Mundo he rara eſta virtude,
Tanto mais a Grande Alma nos captiva.

Coro.

Coro. * Viva o Grande Carvalho, viva, viva.

1 *Ten.* * Venha hum cópo de Vinho do Douro,
* De rubins diſtillados rocio,
* Vinho, que vence os Vinhos de Chío,
* Que derruba, que proſtra por terra
* A poſſante, ſoberba Inglaterra;
* Vinho, que Bromio alegre, e ſaltante
* Para ſeus brindes colhe, e vendima;
* Vinho, que creſce em preço, e eſtima
* Á ſombra ditoſa
* Do Grande Carvalho,
* Que á ſua ſaude
* Outra vez a brindar me convida,
* Por cem bocas a Fama cantando
* As virtudes, que acolhe em ſeu peito.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Coro. * Viva o Grande Carvalho, viva, viva.

1 *Ten.* * Venha, amigos, outro cópo,
2 *Ten.* * Prompto, prompto aqui eſtá,
1 *Ten.* * Venhão ſinco, quatro, ſeis,
2 *Ten.* * Aqui promptos todos tens.

Coro. * Viva o Grande Carvalho, viva, viva.

1 *Ten.* * Evoé! Grão Leneu,
* Que doce frenezi a alma me agita?
* Já de alegres eſpritos huma tropa
* Pelas veias fervendo me galopa.
* Ó bom Dioneu!

5/S132

* Lança de ouro, terrivel, fulminante
* Fero exterminador de ancias, triſtezas,
* Saboé! vibra o thyrſo fulgurante,
E a vil plebe ignorante
Me affaſta de diante
* Sús, ſilencio, ſilencio, que em meu peito
* De cantar altamente o Deos me inſpira.
* Ah! ſoe a ſonoroſa
* Thymele ebri-ſaltante, eſtrepitoſa

* Soem fagotes,
* Soem timbales,
* Soe a trombeta,
* Que a furia incita,
* Nos fundos valles
* Éco repita
* Tan tan ran tan.

Coro. * Viva o Grande Carvalho, viva, viva.

1 *Ten.* * Mas que vejo! Que aſſombros! Que portentos
* Dez, vinte Soes, quarenta, trinta Eſtrellas!
* Ah! não, são Ninfas bellas,
* Que eclipsão com ſeus bellos reſplandores
* Do louro Febo os nitidos fulgores,
* Tragão-me vinho, tragão-me á preſſa.

2 *Ten.* * Aqui ha louro.

Tiple * Ha carmezim
* Sangue cheiroſo
* De brilhantes racimos.

2 *Ten.* * Qués do topazio?

Tiple * Qués de rubim?

1 *Ten.* * Tragão-me deſſe, que tem a côr branca, (1)
* Puro manná, que eſtillou Pega manca,
* Doce licor, que por doce ſe préza,
* Que em teu louvor, e que á tua ſaude
* Delle pertendo beber hum almude,
* O' de Pombal Excellente Marqueza,
* Já dobrando o joelho
* Pela terra me inclino,
* E a chea taça denodado empino.

Coro. * Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

Tiple A margem viçoſa
Do Danubio undoſo,
O Téjo invejoſo
A foi demandar,
Alma tão formoſa
De virtudes cheia,
Adora, e receia
A Muſa brindar.

Mas em fim ha de ſer; venha a botelha,
Que encerra o ſaboroſo,
Licor eſpirituoſo de Champanha,
Que muito goſta a gente de Alemanha:
Da aguda faca, a lamina boida,
Quebre a loura rezina, ſalte a preza

Chei-

(1) *Eſta eſpecie de Verſos ſó differe dos mais Endicaſyllabos em levar os accentos na quarta, ſetima, e decima. Delle ſe vem muitos exemplos em Camões, Ferreira, &c. mas o ſeu proprio lugar he nos Dithyrambos, por terem hum harmonia alegre, e eſtrepitoſa.*

C/S132

Cheirosa escuma, e em bolhas mil erguida
Saúde a Grã Marqueza,
E retinindo
Pelos erguidos
Tectos dourados
Os reciprocos brindes alternados
Vereis, Ah! Sim. Vereis
Do Grande Daun, o Grande Nome ouvindo
Attonitas fugindo
Do Odder nas ribeiras
Destroçadas fileiras;
Bater a Aguia Imperiosa,
De sangue as negras pennas salpicadas;
Voar victoriosa:
Marte horrendo inclinar a fronte altiva.

Coro. *Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

1 *Ten.* *Não quero Borgonha,
*Não quero Champanha,
*Não quero Toquai,
*Nem vinho do Cabo,
*Os vinhos estranhos
*Não provo, não gabo.
*Quero vinho, que alegre, que aquente;
*Dá-me desse, que guarda na Cuba
*Doce summo, Mação excellente,
*Camarista estimado, e valído
*De Evio Lizio na Casa enramada,
*Por isso chamado
*Da Chave dourada;

* Eſte pois, ó formoſa Condeça,
* Gloria, e Timbre de Oeyras formoſa,
* Te brindo, e conſagro.

Coro. * Viva a Grande Condeça, viva, viva.

1 Ten. * Quando ſai do Orizonte
* Na fogoſa Carroça o Sol dourado,
* O Sol de immenſa luz perenne fonte,
* Não vem de tantos raios coroado,

* Tão formoſa, e engraçada,
* De flores adornada,
* Não ſai do Ganges fóra
* Na freſca madrugada

* As nuvens rouxeando a bella Aurora,
* Ao terno Eſpoſo,
* Cujo Eſpirito raro, e generoſo
* Mais que da terra, do alto Ceo he digno
* Em caſto laço fielmente unida,
* Brilhar ſe vem as duas Almas bellas,
* Quaes os Gemeos de Leda entre as Eſtrellas.

Coro. * Viva a Eſpoſa gentil, o Eſpoſo viva.

Tiple. Mas que fero Gigante
De ſettas armado
Os campos talando,
As plantas creſtando
Com fina navalha
Os beiços retalha
Me offrece batalha?

Es

7/5132

Es tu, bem te conheço, impio Nordeſte,
Dos mortaes crúa peſte.

Não fujo, não fujo,
Eſpera, ſuſpende,
Que a ti não ſe rende
De Bacco o valor.

Dá-me deſſe, que tem a côr loura,
Impenetravel, rigida coura,
Que do Oceano as nitidas filhas
Me mandárão de mimo das Ilhas.
Venha hum copo, dous copos, tres copos,
Capacete, rodela, e montante:
Dize agora que venha o Gigante.
Mas que eſquadrão formoſo
De aligeros ſoldados
De viçoſa Oliveira coroados,
Com ſuave harmonía o ar povôa,
E a ſoccorrer-me voa?

Os leves amores,
As candidas Graças
Em torno das taças
Alegres voando,
Entoão louvores
De Amalia gentil:
Amalia excellente
De Tronco viçoſo,
Ramo florecente,
Que em laço ditoſo

Promettes, ſeguras
Mil bens, mil venturas
Ao Eſpoſo feliz.
A ti pois, ó Amalia formoſa,
De raras virtudes compendio
A taça cheiroſa
De vinho eſpumoſo
Conſagro rendido;
Tambem a conſagro
A teu Grande Eſpoſo,
Que louros cingindo
Vai ao Templo da Gloria ſubindo.

Coro. Viva Amalia Gentil, o Eſpoſo viva.

1 *Ten.* * Mas que ſinto? 2 Que vejo? *Tipl.* Que eſcuto,
Todos. * Se Epafio fremente, de pontas taurinas (1)
* Que accezo inflãma-me, embrulha-me o cerebro, (2)
1 * Não me illude. 2 Mo finge. *Tipl.* Me engana,
* A

---

(1) *Verſo de doze ſyllabas. Eſte verſo he dos mais antigos, de que uſárão os Portuguezes, ſe he certa a invenção do Poema da Perda de Heſpanha, achado no Caſtello da Louzan em tempo de ElRey D. Affonſo Henriques; não ha dúvida porém, que no Cancioneiro de Rezende ha muitas Poeſias compoſtas neſte Metro.*

(2) *Verſo chamado Coriambico, que leva os accentos na 4, e 7, acabando com eſdruxulo, fazendo ceſura na ſexta ſyllaba; delle são os ſeguintes exemplos tirados do Reddi no ſeu Bacco em Toſcana, e Campelli na Tragedia* La Geruſalemme Cattiva:

O come l'ugula bacciami, e mordimi
O come in lagrime gl'occhi diſcioglimi. } *Reddi.*
Ma qual diſtruggemi rapida furia
Come ſpaventami l' Erebo, e ſegnami. } *Campelli.*

8/S132

1 * A terra agita-ſe, abana-ſe, move-ſe,
2 * Os ares cerrão-ſe, engroſsão-ſe, turbão-ſe.
Tipl. * Rugem com impeto rigidos Africos,
1 * Brilhão relampagos ſubitos, lugubres,
* Rompendo a concava, máquina Etherea,
2 * Accezas tremulas, rubidas viboras,
* Horriveis bramão por farpadas linguas.

Todos. * O' vite-comado, farfante Briſſeu,
* Brincão, pampinoſo, mancebo Lieu,
* Que he! Que he! Que ſerá?

Tipl. * Quem tanta deſordem,
* Oh Ceos! cauſará?

C O R O.

* Mas que ſeja o que for
* Cantemos, bebamos,
* Dancemos, durmamos
* Do Grande Carvalho
* Á ſombra feliz.

As palavras Baſſareu, Bromio, Epafio, Lançadoiro, &c. são appellidos dados a Bacco por Orfeo, ou quem quer que he o Author dos Hymnos, que ſe lhe attribuem, e por outros muitos Poetas Gregos, e Latinos; a maior parte das quaes denota as qualidades, e predicados, que os Ethinicos attribuião a eſta falſa Divindade. O uſo das Nações mais polidas as admittio, e approvou em ſemelhantes compoſições. As palavras novas, e compoſtas, como igualmente a frequente variedade de metro, e uſo de Metaforas atrevidas, são os adornos proprios deſta Eſtravagante, e fantaſtica Poeſia, como indicão os verſos de Horacio já citados. Sobre ella ſe pode ver Quadrio no tom. 2. liv. 1. Diſtinc. 2. cap. 3. e Menzini liv. 3. onde ao meſmo tempo que enſina as regras, dá hum excellente exemplo.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
MAR.
41
2721

9/S132